

## OS COMPOSITORES

15/02/1997

Manuscrito Consuelo Lélis

Começamos na semana passada a resenha dos românticos pós-wagnerianos e começamos com a grande figura de Richard Strauss. Entre os operistas o mais interessante é com certeza Humperdinck, o qual soube dobrar genialmente a linguagem wagneriana, tão repleta de mitos, deuses e heróis, à simplicidade de um conto infantil na ópera "Hänsel und Gretel", em que os personagens são os dois meninos e a bruxa malvada. Mas de Humperdinck falaremos mais noutra série.

Outros dois grandes pós-wagnerianos são Max Reger e Hans Pfitzner, que levaram a retórica da técnica romântica a níveis extremos beirando às vezes, seja-me permitido dizê-lo, o pedantismo e a chatice.

O primeiro foi grande contapontista e complicou a linguagem wagneriana com recordações do contraponto medieval. O segundo, autor de uma imensa ópera "Palestrina", tentou ressaltar a instintiva retórica com recordações schumanianas nalgumas boas obras pianísticas. Todavia, bem mais importantes são os dois nomes que nos restam: Anton Bruckner e Gustav Mahler.

Como César Franck e Reger, Bruckner foi organista de profissão, exercendo a sua atividade em sua cidade natal, Linz, que pouco mais tarde seria pátria de Hitler.

Só na avançada maturidade foi convocado a Viena para ensinar composição naquele conservatório, no qual teve como discípulo justamente Mahler.

Bruckner é uma personalidade aparentemente plana, com uma vida disciplinada de organista e de mestre; mas na complexidade organística das suas grandes sinfonias a linguagem intensamente cromática herda toda a sensualidade wagneriana.

Uma sensualidade possivelmente recalçada, se os discípulos o viram ou descobriram, já ancião, ajoelhado diante da camareira implorando um momento de amor.

Dissemos na semana passada que uma das características desses pós-wagnerianos é a grande extensão das obras e a hipertrofia da orquestra. A isto não foge Bruckner e menos ainda fugirá Mahler. A orquestra de Bruckner é extremamente complexa, com uma intensa movimentação das partes internas e com um generoso emprego dos metais, aos quais Bruckner acrescenta as tubas, já introduzidas na orquestração wagneriana.

Vamos ouvir o segundo e o terceiro movimentos da quarta sinfonia de Bruckner, apelidada de "Romântica", talvez a mais comunicativa de suas grandes obras.

Música: Quarta Sinfonia de Bruckner,

Chegamos assim à extraordinária personalidade de Gustav Mahler, representante daquela cultura judaica de Viena entre os dois séculos, a cultura de Freud, de Wittgenstein, de Schönberg e de tantos outros. Uma cultura da qual tivemos aqui em Belo Horizonte um reflexo na personalidade de D. Lili Kraft, ótima musicista, recentemente falecida ultra nonagenária, a cuja memória quero prestar a minha homenagem em nome de toda a cultura mineira.

Mahler foi por profissão regente de orquestra e grandíssimo regente: isto explica a sua extraordinária habilidade de orquestrador. A casa de Mahler foi ponto de encontro de toda a grande música europeia do tempo, vivificada pela presença de uma maravilhosa mulher, sua esposa Alma, de excepcional cultura e traquejo social.

Depois da morte de Mahler Alma casou-se com o grande arquiteto sueco Gropius, do qual teve uma filha, Marion, que morreu jovem e a cuja memória Alban Berg dedicou o seu concerto de violino "Em memória de um anjo".

É interessante o fato de que os dois maiores pós-wagnerianos, Bruckner e Mahler, nunca escreveram uma ópera. Mas creio que Mahler, grande regente operístico, teria chegado lá se não tivesse morrido ainda novo.

Mahler é um dos pontos de convergência da crítica musical contemporânea, que até o elevou ao nível de um mito da moda, levando em considerações as grandes ambições de suas imensas sinfonias nas quais, nas pegadas da nona beethoveniana, Mahler frequentemente introduz vozes solistas e coros.

Mas eu sou da oposição. Acho que há grandes artistas que nascem para as grandes obras, como Dante, Goethe, Tolstói ou Beethoven. E às vezes nem sempre são felizes nas pequenas obras, e Beethoven é exemplo disto

Outros artistas nascem para a comunicação imediata e a sensibilidade psicológica das formas menores, como Petrarca, Schubert, Chopin, Leopardi e Debussy.

Não adianta Pasternak tentar os caminhos tolstonianos do Dr. Jivago: ele é verdadeiramente grande em suas poesias.

Assim, na minha opinião, o maior Mahler não está nas sinfonias mas nas menores obras de inalcançável pureza e beleza. Reforça a minha tese o fato de Mahler adorar a natureza e passar os seus melhores dias em seu refúgio do Wörtersee, que já havia confortado a solidão de Brahms.

Música: 1º movimento da Sinfonia dos Mil.

Artistas mineiros: é a vez hoje da generosa voz do baixo Amin Feres interpretando Lieder. O primeiro deles é Prometheus de Schubert, com texto de Goethe. Observe-se a extraordinária ousadia da linguagem schubertiana a qual, enfrentando um texto de tamanho nível, parece atingir atmosferas quase wagnerianas

Eis a tradução da poesia de Goethe, etc.

duração 7'.

Ainda com a voz de Amin Feres um conhecido lied de Schuman, "Die beiden grenadier", Os dois granadeiros. O texto de Heine diz o seguinte, etc.

Música: Die beiden grenadier. Duração 4'.